



Mulher coragem, inspiradora,
mulher de vários prémios e
muita humildade.

Vídeo de 21-04-2024

<https://www.youtube.com/watch?v=q1cafvcG8yo>



<https://fliphtml5.com/eykka/dyxj/basic/51-100>

Niketche: uma história de poligamia

Niketche conta a história de Tony, um alto funcionário da polícia, e sua mulher, Rami, casados há vinte anos. Certo dia, Rami descobre que o marido é polígamo: tem outras quatro mulheres e vários filhos com cada uma. As esposas de Tony estão espalhadas pelo país: em Maputo, em Inhambane, na Zambézia, em Nampula, em Cabo Delgado. Numa decisão surpreendente, Rami decide ir atrás de cada uma dessas mulheres.

O livro se abre com uma situação problemática: o filho de Rami é acusado, injustamente, de danificar o vidro de um carro. Ao tentar resolver a situação com o proprietário do veículo e também com a criança, a personagem se vê confrontada, conscientemente, com a ausência constante do marido.

Mais tarde na narrativa, a personagem explica, em um diálogo com outra mulher, que, desde sua infância, ela nunca havia sido ensinada a ter amor-próprio, a amar-se e respeitar-se. Pelo contrário, foi-lhe ensinado a subserviência, a obediência, a naturalização das hierarquias que colocam as mulheres à margem de tudo, em um segundo plano onde são permanentemente coadjuvantes de suas próprias vidas..

Paulína Chiziane

Niketche – Uma história de poligamia, quarto livro da escritora Paulina Chiziane, é narrado em primeira pessoa por Rami e representa não apenas um mergulho na vida dessa personagem, mas principalmente um panorama complexo sobre a difícil situação feminina na sociedade moçambicana

Niketche não conta a história de Tony, mas sim a de Rami. É a sua voz e as suas palavras que constroem a narrativa, apresentam-nos todas as situações e as personagens e é através de sua mediação que conhecemos o marido infiel e as outras mulheres: Julieta, Lu, Saly e Mauá..



No coração da noite residem os sonhos. Um
vezes são coloridos como as flores. Outras, pássaros
negros dançando nas trevas como fantasmas. Anoitece,
meu Deus, eu tenho pavor de uma cama fria. Encosto
a cabeça no travesseiro e conto o número de vezes
que morri. Resisto. Não consigo aceitar a ideia de ser
rejeitada. Eu, Rami, mulher bela. Eu, mulher inteli-
gente. Fui amada. Disputada por vários jovens do meu
tempo. Causei paixões incendiárias. De todos os que
me pretenderam escolhi o Tony, o pior de todos, que
na altura julgava ser o melhor. Vivi apenas dois anos
de felicidade completa num total de vinte e tantos anos
de casamento.

— Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e
a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para
o fundo da terra todos os males que me torturam.
A dança liberta a mente das preocupações do momento.
A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto
guardo a morte. Por que é que não danças?

Dançar. Dançar a derrota do meu adversário.
Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a
coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente que-
rido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande
combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar.
A vida é uma grande dança.

Mário de Carvalho · Pierre Pratt

O homem que engoliu a Lua



 Porto Editora

Ideia...

Este conto relata a história de um homem, com o nome de Andrade da Mula, que numa noite estrelada de lua cheia, bocejou e engoliu a Lua sobre o olhar de Zé Metade que começa a chamar as pessoas, e, passado uns instantes já estava uma multidão dentro de casa do Andrade.

Tentaram várias formas de tirar a Lua, mas nenhuma delas resultou, então por fim, o presidente da Junta disse para cada um ir para sua casa. No dia seguinte toda a genta ficou estupefacta com o desaparecimento da Lua e era com orgulho que a população do Beco via passar o Andrade da Mula.

◆ Era com orgulho que viam passar o Andrade...

Após, olhou para o céu e bocejou um desses bocejos do tamanho de uma casa, escancarando muito a bocarra que era considerada uma das mais competitivas da zona oriental. E aconteceu aquilo da Lua.

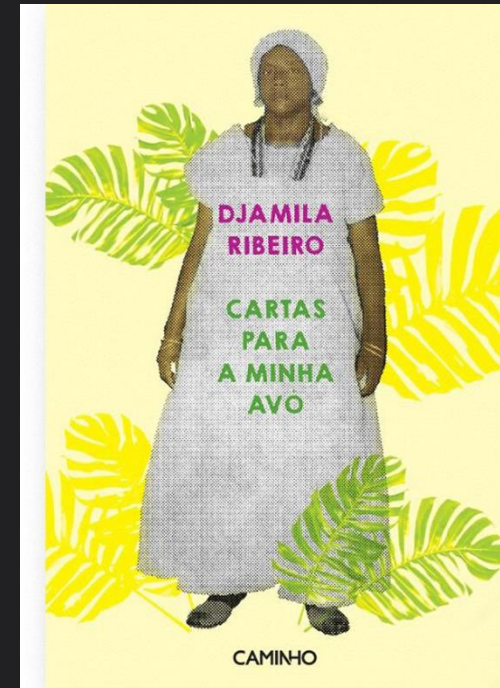
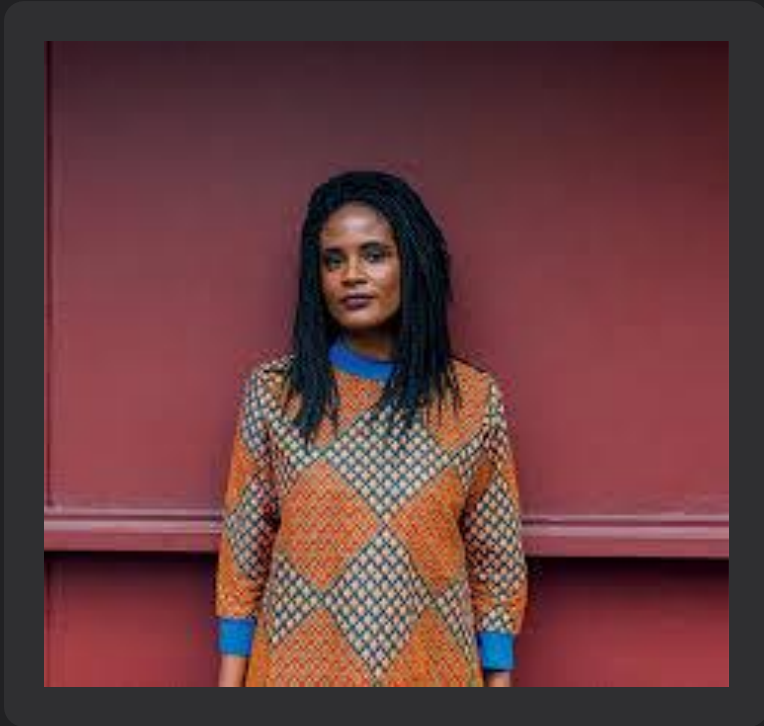
Deslocou-se um bocadinho, assim como quem se desequilibrou, entrou a descer devagar, ressaltou numa ponta de nuvem, que por ali pairava feita parva, e foi enfiar-se inteirinha na boca do Andrade, que só fez "gulp" e esbugalhou muito os olhos.





*E assim foram fazendo, aos poucos e poucos.
No dia seguinte, a Humanidade toda
estranhou muito o desaparecimento da Lua
e deu-se a grandes especulações.*





Precisamos romper com os silêncios

<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>

Querida vó Antônia,

Minhas lembranças de você têm gosto de manga verde e doce de abóbora. Têm cheiro de feijão e jantar às seis da tarde. Você me adoçava a boca e benzia a alma. “É cobreiro, tem que benzer.” Ou: “Essa menina está aguada, dê o que ela quer comer”. Eu amava passar minhas férias na sua casa, sentir o amor em sua melhor forma.

Guardo na memória os mimos, as broncas na minha mãe quando ela brigava comigo, o cheiro do Yamasterol no cabelo. As mesadas que me dava escondido, os passeios com o tio Edson. Como meus pais não tinham carro, uma das minhas maiores alegrias era saber que o tio Edson estava indo a Santos me buscar para passar férias com você em Piracicaba. Lá em casa, só quem passava de ano direto tinha esse benefício. Muitas vezes fui sozinha, sem Denis, Helder e Dara — o que eu adorava, confesso, pois sem meus irmãos por perto teria você só pra mim. Quando Dara ia, a gente não somente disputava sua atenção, mas também disputava para ver quem atenderia aquele telefone bonito que você tinha. A vencedora sempre acabava caçoando da perdedora.

“Quando algum te picar, quero ver você sentir pena”, dizia quando eu lamentava a morte dos bichos. Aliás, foi numa dessas férias com você que eu fui picada pela primeira vez por uma abelha. Voltei chorando para casa, aos berros, e você gritando “O que foi, menina?”. Foi toda uma operação de guerra para conseguir tirar o ferrão. Depois, você passou uma mistura de ervas que fez meu braço desinchar rápido, e logo eu estava na rua de novo.

Lembro das idas ao supermercado, onde eu podia comprar tudo o que eu quisesse. “Minha neta de Santos está aqui”, você dizia para as vizinhas quando ia comprar pão. Ficava tão orgulhosa, tão animada. Nem bronca você conseguia dar direito em mim. Uma vez, quando eu era adolescente e minha mãe me pegou fumando, ela fez um baita drama. Reagi: “Você também fuma, mãe!”, e dona Erani ficou sem respostas — o que era raro, você sabe. Uma das saídas que ela encontrou foi dizer que se você estivesse viva me daria uma bronca. É claro que você não gostaria de saber que eu estava fumando, mas eu sabia que somente me diria para não fazer mais. Eu não gostava de fumar, só queria entrar na moda dos cigarros com gosto de canela.

Sugestões para gostar de ler em voz alta

- Leia antes muitas xx.
- “Parece que estou a ouvir vozes” ...as que vai emprestar às personagens e ao narrador.
- A que ritmo devo ler?
- Faço “caretas”?...Sim, mas...
- Animo a leitura com alguns sons? Boa ideia...basta alguns para estimular...
- Utilizar “coisas” pode, desde que moderado, ser boa ideia.

Tarefas

“o que não se vê...não se lembra...!”

- ◇ • 1ª num espaço inesperado capta uma imagem inclusiva (a metáfora também conta...) e discorre sobre ela.
- ◇ 2ª completar a seguinte frase: “E acrescenta que os livros trazem mais vida à vida, guindam mais alto...”

